

A ANGÚSTIA E A TRANSFORMAÇÃO EM *NIKETCHE*: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

Fernanda Oliveira da Silva (UFRJ)¹
Maria Teresa Salgado (UFRJ)²

RESUMO: A leitura de *Niketze: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, desperta as vozes femininas abafadas. Com o auxílio da teoria de Freud, discute-se a angústia da personagem principal e constata-se seu mal-estar, ao ter consciência da subalternidade condicionada para ao ser feminino. Observa-se como a angústia e os questionamentos individuais da protagonista a conduzem a sair da passividade, fazendo com que ela tome atitudes e transforme as realidades das mulheres com quem se relaciona.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Mulheres. Angústia. Transformação.

O que falta primeiramente à mulher é fazer, na angústia e no orgulho, o aprendizado de seu desamparo e de sua transcendência.

Simone de Beauvoir

Paulina Chiziane, a primeira mulher a publicar romance em Moçambique, marcou presença na conquista pela independência nacional como militante. A escritora faz da sua narrativa um meio para apresentar ao mundo, de forma inovadora, temas e acontecimentos polêmicos que fazem parte da tradição de seu país. Com sua prosa, entra com força no universo da literatura moçambicana, que antes era composto apenas por homens.

Chiziane, nascida em 1955, em Majancaze, Moçambique, é autora de cinco romances: o primeiro deles, *Balada de amor ao vento*, em 1990; depois, *Ventos do apocalipse*, em 1993; *O sétimo juramento*, em 2000; *Niketze: uma história de poligamia*, em 2002, que deu à escritora o Prêmio José Craveirinha, em 2003; *O alegre canto da perdiz*, em 2008. Recentemente, em 2013, publicou *As andorinhas*, que reúne três contos e, em 2018, lançou seu primeiro livro de poemas, *O canto dos escravizados*. Os livros *Quero ser alguém* (2010), *Nas mãos de Deus* (2012), *Por quem vibram os tambores do além* (2014) e *Ngoma Uethu* (2015) também fazem parte do rol de suas obras.

Veremos que, em *Niketze: uma história de poligamia*, Chiziane retrata as dificuldades que a mulher moçambicana encontra, ao tentar conquistar seu espaço na sociedade, e como ela procura contornar os obstáculos encontrados em seu caminho. A personagem principal e narradora, Rami, consegue se desvencilhar das imposições feitas pelo sistema patriarcal. Para isso, usa as próprias práticas tradicionais de Moçambique, que também não facilitam a vida da mulher dentro da comunidade. Por outro lado, a condição subalterna e os sentimentos de angústia e solidão de Rami, embora estejam relacionados a uma situação específica da sociedade tradicional moçambicana, aludem à situação da mulher tanto de Moçambique quanto de qualquer outro lugar do planeta.

Rami é uma mulher do Sul de Moçambique que possui um nível social elevado em comparação ao das outras mulheres do país. Tony, com quem é casada há vinte anos, exerce

¹ Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literatura - ABEU Centro Universitário (2016). Especialização em Literaturas Portuguesa e Africanas pela UFRJ (2018). Atualmente é mestranda em Literaturas Africanas pela UFRJ e professora do Centro Educacional Novo Amanhecer. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Escritas do Corpo Feminino nas Literaturas de Língua Portuguesa (UFRJ/UNILAB). E-mail: fernanda.olliveira@hotmail.com

² Possui graduação em Letras (Inglês), pela UFRJ (1982); mestrado em Literatura Brasileira, pela UFRJ (1988); doutorado em Literaturas Africanas, pela PUC Rio de Janeiro (1997) e desenvolveu pesquisa de pós-doutorado, em Literaturas de língua portuguesa, em Paris IV (Sorbonne), com ênfase na escrita feminina (2016). Atualmente, é professora-associada de Literaturas Africanas na UFRJ, universidade onde trabalha desde 2006. E-mail: teresa@atlanticaedu.com.br

um cargo importante na polícia local. Ao vivenciar uma dificuldade com a vizinhança, em função de uma travessura do filho, Rami se ressentido por estar sozinha e vai em busca de uma explicação para as ausências constantes do marido. Descobre, assim, que Tony tinha relacionamentos extraconjugais com quatro mulheres - Julieta, Luísa, Saly e Mauá Saulé – e passa a ter conhecimento da existência dos outros filhos dele. Para surpresa do leitor, a protagonista se solidariza pela condição inferior em que essas mulheres e seus filhos vivem e começa a conviver com elas até se tornarem companheiras.

Interessa-nos analisar a angústia como um agente detonador da ação em Rami, levando-a a modificar sua situação e a das mulheres que estão a sua volta. Não pretendemos, aqui, desenvolver profundamente o afeto da angústia, já que a sua discussão conceitual está na base do processo psicanalítico e demandaria uma série de considerações, que não caberiam na extensão de um artigo. Pretendemos, apenas, indicar a angústia como um elemento chave das ações da personagem, tecendo algumas considerações sobre o seu papel e abrindo, assim, pistas para futuras investigações em torno do tema na obra.

É a partir dessa experiência com a angústia que a protagonista se dá conta de sua subserviência, até sair do estado de alienação, transformando-se em uma pessoa questionadora. Sua gesta transformadora confirma-nos que a visão da mulher como um ser naturalmente passivo ou apático é um grande equívoco. Já Simone de Beauvoir nos mostrara, há mais de meio século, que “a passividade que caracterizará essencialmente a mulher é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.” (BEAUVOIR, 2016, p. 24).

É importante destacarmos a cena de abertura do romance, pois é a partir dela que a personagem começa a se incomodar. Não há nada de inédito nesse episódio: o filho mais novo de Rami, ao brincar na rua, termina danificando um carro que estava estacionado. Essa circunstância causa certo alvoroço nas proximidades e a personagem principal é culpada pelo acontecido: “Da janela do quarto, oiço comentários na rua. As palavras que escuto lançam-me no desespero. Sinto as línguas de fogo caindo no interior dos meus ossos.” (CHIZIANE, 2004, p. 11). O ocorrido evidencia a solidão de Rami e a total dependência do marido:

Um marido em casa é segurança, é protecção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca de outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio. (CHIZIANE, 2004, p. 11)

Até esse momento da narrativa, mesmo em poucas páginas, Chiziane, além da angústia, levanta mais uma questão importante a ser analisada e que percorre toda a história: a solidão da mulher na sociedade patriarcal. A solidão aparecerá de várias maneiras e, no referido momento, se patenteia pela maternidade. Note-se que o episódio do filho de Rami nos faz observar que as críticas dos vizinhos são direcionadas apenas para a mulher, para a mãe, porque “é ainda a mulher que paga pela harmonia do lar. Parece natural ao homem que ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças.” (BEAUVOIR, 2016, p. 519) Logo, percebemos como as funções de criar e de educar uma criança não são destinadas ao homem. Dessa forma, a mulher se vê só, já que a responsabilidade e as tarefas relacionadas aos filhos caem apenas sobre ela. No livro *O filho é da mãe?*, de Priscilla Bezerra, há um trecho que discute bem essa situação:

A maternidade tem facilitado a possibilidade de a mulher ser mantida no lugar a ela destinado quando da formação do patriarcado. Para que seja eficiente essa ideia, construções várias são feitas com relação aos cuidados com os filhos e tais construções produzem discursos que projetam na sociedade aquilo que ela espera de uma mãe: que

ela seja a grande detentora da capacidade de gerar, educar e formar seres humanos para o mundo. O filho é da mãe! Mãe é mãe. Pai é outra história. (BEZERRA, 2017, p. 26)

O anseio pela presença de Tony vai surgir em diversos momentos e, já de início, conhecemos a ansiedade e o desamparo de Rami: “Há momentos da vida em que uma mulher se sente mais solta e desprotegida como um grão de poeira. Onde andas, meu Tony, que não te vejo nunca? Onde andas, meu marido, para me protegeres, onde?” (CHIZIANE, 2004, p. 10). Casada com Tony, Rami lamenta amargamente não ter a presença do marido em casa naquele momento. Observe-se que a cena em que o filho da protagonista quebra um vidro é aparentemente banal, mas podemos senti-la e atualizá-la, também, na quebra que se processa na própria vida da personagem. É a partir desse episódio, vivido com o filho, que tem início o rompimento da relação de subalternidade de Rami.

Até aquele momento, ela acreditava que dependia de um homem para levar sua vida adiante. Tal sentimento não se mostrava restrito apenas a Rami, já que as outras mulheres de Tony também se comportavam de forma semelhante, como reflete a protagonista: “Precisa-se de um homem para dar dinheiro. Para existir. Para dar um horizonte na vida a milhões de mulheres que andam soltas pelo mundo. Para muitas de nós o casamento é emprego, mas sem salário.” (CHIZIANE, 2004, p. 163). Esse sentimento é cultivado desde a mais básica educação dada às meninas. Com isso, o hábito da dependência relacionado à figura masculina persegue a mulher e torna-se difícil para ela desvencilhar-se dele na sua fase adulta. Mais uma vez, será a filósofa francesa a esclarecer esse ponto.

(...) sem lhe dar a oportunidade de estudar, sem lhe mostrar a utilidade disso, não se dirá a ela na idade adulta que escolheu ser incapaz e ignorante: assim é que é educada a mulher, sem nunca lhe ensinarem a necessidade de assumir ela própria sua existência; de bom grado ela se submete a contar com a proteção, o amor, o auxílio, a direção de outrem. (BEAUVOIR, 2016, p. 546-547)

Angustiada com o seu casamento, Rami dá início a uma autoanálise, e o elemento que marca essa reflexão é o espelho: “Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim.” (CHIZIANE, 2004, p. 15). Nesse contato, ocorre um momento de descoberta da protagonista; é a sua imagem, sua alma gêmea - ainda que mais jovem e feliz - que a leva a despertar pensamentos críticos: “Ah, meu espelho estranho. Espelho revelador. Vivemos juntos desde que me casei. Por que só hoje me revelas o teu poder?” (CHIZIANE, 2004, p. 17). Vemos que o espelho é caracterizado, simultaneamente, como estranho e revelador. Ele é estranho, pois Rami sabe o quanto os pensamentos e reflexões que a assediam são completamente novos e não fazem parte do seu dia a dia; contudo, o espelho é revelador, pois a protagonista e o leitor passam a ser confrontados com uma série de reflexões que, paulatinamente, vão desnudar o processo de subalternização imposto a Rami e à mulher em geral. Não é preciso muito esforço para percebermos o movimento de autoanálise vivenciado pela personagem. Muitos aspectos na obra de Chiziane nos convidam a abordar o texto a partir do viés psicanalítico. Como demonstrou Lacan, o espelho é primordial na teoria psicanalítica; a imagem tem um papel fundamental na constituição do eu e na matriz simbólica do sujeito.

A imagem refletida no espelho de Rami é a de uma mulher que parece não se preocupar com as imposições que a sociedade cobra do ser feminino, pois ela demonstra ser segura e se expressa com sinceridade. Além disso, o espelho não apenas responde aos questionamentos da protagonista, mas também, segundo Cândido Rafael Silva, tem a função de fazer com que ela reencontre “os valores culturais do seu contexto histórico-social para, a partir daí, reconstruir a sua identidade.” (SILVA, 2013, p. 113). Essa busca por sua identidade é retratada em um dos momentos de reflexão da personagem. No entanto, Rami não consegue se “desprender” de

Tony: “Fecho os olhos e escalo o monte para dentro de mim. Procuo-me. Não me encontro. Em cada canto do meu ser encontro apenas a imagem dele. Solto um suspiro e só o nome dele.” (CHIZIANE, 2004, p. 14). Rami vai, progressivamente, se dar conta de sua dependência. Mas entendemos que tal consciência, naturalmente, é apenas uma etapa no seu processo de análise, e não o que basta para levá-la à liberação.

Nessa fase inicial, as tristezas e as aflições de Rami são mostradas, sendo possível percebermos que ela não decide sobre a própria vida; é uma mulher dependente e sempre aceitou de maneira passiva as imposições naturais do cotidiano de costumes patriarcais.

Sou uma mulher derrotada, tenho asas quebradas. Derrotada? Não. Nunca combati. Depois das armas antes mesmo de as empunhar. Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corresse de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos?

A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi e nem sei se alguma vez tive. Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal. (CHIZIANE, 2004, p. 18).

Na passagem acima, evidencia-se a experiência do recalque experimentado pela protagonista, que sacrifica o princípio de prazer em nome de um princípio de realidade. Como nos mostrou Freud, a angústia e o recalque sempre estiveram vinculados. Nos primeiros textos de Freud, ela é entendida como resultante do recalco. Mais tarde, Freud considera a angústia como um processo anterior ao recalque, alicerçado na sensação de desprazer. De toda maneira, Freud conclui que a angústia atua tanto na origem do recalque, quanto posteriormente ao recalco, pois a angústia constitui-se como um grande paradoxo, uma vez que ela é um afeto, mas é também expressão do inconsciente¹. Na obra de Chiziane, nota-se que a angústia se mostra na origem de sentimentos recalcos, quando a personagem recorda-se da sua juventude, mas também como afeto posterior ao recalco. Afinal, a angústia pode emergir a qualquer momento, confirmando sua função de alerta, de sinal de perigo eminente, como vimos após o incidente com o filho de Rami.

Vemos que a angústia se revela, assim, como o tal elemento detonador de todo um processo de autoanálise, que, embora não possamos aqui chamar de psicanalítico, no sentido clássico da palavra, guarda com este muitas semelhanças. Observemos, também, que a angústia é um elemento chave no ato psicanalítico. Tanto Freud quanto Lacan dedicam numerosos estudos ao tema, destacando o seu papel central na economia psicanalítica.

Note-se que a angústia coincide com o momento em que se dá uma quebra. Rami começa a questionar sua vida e emerge, aos poucos, as indagações que são responsáveis pela consciência de sua situação de subalternidade - a posição comum da mulher na sociedade patriarcal. Até que chegamos ao momento em que a protagonista, inconformada, decide tomar uma iniciativa:

Desperto inspirada. Hoje quero mudar o meu mundo. Hoje quero fazer o que fazem todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor. Quero tocar na alma de todas as pedras do meu caminho. Quero beijar grão a grão a areia que tece o solo fecundo onde me aleito. Fecho os ouvidos ao mundo e apenas escuto o silêncio do meu percurso. (CHIZIANE, 2004, p. 19)

O trecho acima descreve apenas uma das iniciativas que a personagem tem após sentir-se angustiada. A vontade de (re)agir ao sofrimento é a primeira atitude de Rami e abrirá portas para as outras ações. Por isso, podemos considerar que, em *Niketche*, a angústia se associa ao afeto descrito por Freud, atuando tanto como algo que está na origem de uma experiência

traumática, quanto como algo que aponta para a emergência dessa experiência, revelando-se assim muito mais “como sinal de alerta, capaz de elaborar estratégias de defesa” (SALGADO, 2015, p. 169), do que como um processo neurótico.

Após muitas reflexões, Rami decide ir em busca da mulher que ela acreditava ser amante de Tony. Ao ter o contato com Julieta, descobre que seu marido tem uma família com ela. O encontro com a Julieta leva Rami a ter mais uma surpresa: a descoberta de que Tony tinha outras mulheres e mais filhos. Esse é o momento que justifica uma parte do título do romance: *uma história de poligamia*.

Rami procura as outras mulheres e, depois de discussões, acusações e até agressões físicas, começa a estreitar laços de amizade com elas. É interessante que, no primeiro contato com Julieta e Luísa, a reconciliação acontece através de atitudes solidárias. Da primeira, Julieta, Rami recebe cuidados, por não ter condições de voltar para casa no estado em que se encontrava, e acaba escutando a real história dela. Desse modo, percebe que ela não seria uma rival, e sim mais uma vítima de Tony.

Dizia-me que era solteiro. Só quando engravidei é que me falou da existência de uma esposa e um filho. Mas tratou logo de dizer que fora obrigado a casar e aguardava uma oportunidade para divorciar-se. Fazia promessas maravilhosas. Os anos passavam. Vi os filhos a nascer um a um e em cada nascimento ele renovava as promessas de casamento. (CHIZIANE, 2004, p. 23)

Com Luísa, o encontro foi tão insultuoso que teve seu desfecho na delegacia com as duas presas. Partilharam igualmente da mesma situação difícil que colaborou para futura união. Ao comprovar que era esposa do comandante da polícia, Rami consegue sua liberação e pede ao guarda para liberar também Luísa: “O policial abre a cela e tira-me. Olho para a minha rival e sinto remorsos, pois fui eu a causadora da contenda. Digo ao policial: essa senhora também é.” (CHIZIANE, 2004, p. 52).

A aflição de saber que seu marido tem outras mulheres fez com que Rami tomasse a iniciativa de perguntar se Tony a traía. Esse é um dos poucos momentos em que se desenvolve um diálogo entre eles, e a conversa nos revela a existência de um pensamento machista enraizado que permite ao homem diversos relacionamentos, enquanto associa o mesmo comportamento na mulher ao pecado.

—Tony, andas a trair-me, não é?
— Trair?
— Sim.
— Ah!
(...)
— Traição é crime, Tony!
— Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami.
— O quê?
— Por favor, deixa-me dormir..(CHIZIANE, 2004, p. 29)

A narrativa do romance se passa no sul de Moçambique, lugar em que a colonização portuguesa se expandiu intensamente e onde existe a crença de que o homem é superior. Assim, a ideia de que mulher precisa ser controlada pelo homem se enraizou. Para reforçar essa ideia, a “cultura patriarcal tem servido ininterruptamente para manter a mulher em seu devido lugar.” (MURARO, 2016, p. 16). Assim, “a mulher é vista como a tentadora do homem (...) Ela é ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que devem ser rigorosamente normatizados” (MURARO, 2016, p. 16).

Com o conhecimento das outras famílias de Tony, Rami decide que alguma providência deve ser tomada e resolve planejar uma conspiração contra ele. Para isso, convoca sua família,

pois pensa que, dessa forma, mostrará sua importância e não estará sozinha: “Quero que ele saiba que lá de onde eu venho tenho alguém que me defende. (...) Quero que Tony sinta o peso da minha importância, pelo menos uma vez na vida.” (CHIZIANE, 2004, p. 96). Nota-se que a protagonista “apoia-se na autoridade da mãe, do pai, de um irmão, de qualquer personalidade masculina que se lhe afigure ‘superior’ (...) apenas para o enfrentar.” (BEAUVOIR, 2016, p. 251). Porém, mais uma vez, temos um registro de solidão para a mulher, pois Rami não recebe o amparo de seus parentes e escuta as seguintes palavras de seu pai: “– Se teu marido não te responde, é em ti que está a falta. (...) – As mulheres de hoje falam muito por causa dessa coisa de emancipação. Falas de mais, filha. No meu tempo, as mulheres não eram assim.” (CHIZIANE, 2004, p. 97).

A decepção de ser ignorada por sua família fez com que Rami chegasse à conclusão de que: “Os problemas das mulheres são classificados no arquivo das insignificâncias, caprichos e incapacidades. São assim os pais. Sempre educando os filhos a serem tiranos e as filhas para aceitarem a tirania segundo a ordem do universo.” (CHIZIANE, 2004, p. 97). Torna-se claro que, aos poucos, a protagonista começa a perceber que há uma grande diferença no modo de educação entre as crianças.

A ajuda que Rami procurava aparece, mas não de seus familiares, e sim de suas rivais. Convence Julieta, Luísa, Saly e Mauá Saulé de que as mulheres precisam se unir: “Unamo-nos num feixe e formemos uma mão. Cada uma de nós será um dedo, e as grandes linhas da mão a vida, o coração, a sorte, o destino e o amor. Não estaremos desprotegidas e poderemos segurar o leme da vida e traçar o destino.” (CHIZIANE, 2004, p. 105). A importância da união entre as mulheres é algo também analisado por Beauvoir no primeiro volume de *O segundo sexo*, e vai mostrar por que as mulheres têm dificuldade em perceberem que estão e precisam permanecer do mesmo lado: “As mulheres não dizem ‘nós’. Os homens dizem ‘as mulheres’ e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito.” (BEAUVOIR, 2016, p. 15).

A convivência com as outras mulheres fez Rami conhecer de perto como é a precária realidade delas, o que a deixa tão comovida que deseja mudar a situação daquelas mulheres. “A situação dessas concubinas é de longe pior que a minha. Sem proteção legal, nem familiar. As casas onde moram são propriedade do senhor, é ele quem paga as rendas no fim de cada mês. Pode expulsá-las quando entender, arremessá-las a pobreza total.” (CHIZIANE, 2004, p. 105) A partir disso, surge a ideia de legalizar as famílias que Tony tem fora de seu casamento e, para isso, Rami recorre a prática tradicional da poligamia.

Além de contribuir para que Julieta, Luísa, Saly, Mauá e seus filhos fossem reconhecidos como membros da família de Tony, Rami também, ao perceber que elas precisavam se sustentar sozinhas, emprestou dinheiro para que cada mulher conseguisse sua autonomia financeira:

Peguei num dinheiro que tinha guardado e emprestei a Saly. Comprava cereais em sacos e vendia em copos nos mercados suburbanos. Dois meses depois, ela devolvia-me o dinheiro com juros e uma prenda (...) A Lu disse-me: estou inspirada. Se a Saly conseguiu fazer o seu negócio render, também posso. Rami, empresta-me algum dinheiro? Passei os fundos devolvidos pela Saly para as mãos dela. E começou a vender roupa em segunda mão. E começou a engordar, a sua voz a adoçar, o seu sorriso a crescer, o dinheiro nas mãos a correr. (...) Transferi o dinheiro das mãos da Lu para a Mauá e dei a Ju um dinheiro que o Tony me dera um dia para guardar. A Mauá começou a tratar dos cabelos, a desfrisar cabelos, coisa que ela entende muito bem. Começou na varanda da sua casa. Conseguiu angariar clientes. Aumentou o volume de trabalho e contratou duas ajudantes. A varanda era pequena e passou a usar a garagem da sua casa. Agora tem uma multidão de clientes, a Mauá.

A Ju vai aos armazéns, compra bebidas em caixa e vende a retalho. Dá muito lucro. Nesta terra as pessoas consomem álcool como camelos. Ela começou a sorrir um pouco e a ganhar mais confiança em si própria. (CHIZIANE, 2004, p. 118 - 119)

A consequência da união feminina é a independência que, aos poucos, cada mulher vai conquistando. Fica evidente que vão se distanciando da situação de subalternas que antes era a única possibilidade que tinham. Nessa fase do romance, Rami e as outras esposas não se importam mais com as opiniões de Tony, pois agora elas têm outras prioridades e, claro, que isso o deixa bastante incomodado: “O Tony reage mal às nossas iniciativas mas nós fechamos os ouvidos e fazemos a nossa vida.” (CHIZIANE, 2004, p. 119) Ele sente-se ameaçado, pois suas mulheres não são mais sinônimo de servidão e inferioridade, a junção delas forma um poder:

É desagradável ter que marcar audiências com as minhas próprias mulheres. Tenho que marcar as horas e os minutos para desfrutar da sua companhia. E pior de tudo, os meus filhos seguem o exemplo das mães, não me ligam. De tudo ter, acabei não tendo nada. As minhas esposas esvoaçam como pássaros numa gaiola aberta, e eu fico a olhar, espantado, essas mulheres a quem amordaçava as asas e afinal sabem voar. Ontem, vendedeiras de esquina, eram submissas e me adoravam. Hoje, empresárias, já não me respeitam. (CHIZIANE, 2004, p. 304).

Perceber que está perdendo o controle das mulheres deixa-o insatisfeito, pois Tony sabe que elas não lhe obedecem mais. Por isso, na sociedade patriarcal, ao homem “agrada-lhe permanecer o sujeito soberano, o superior absoluto, o ser essencial; recusa-se a considerar concretamente a companheira como sua igual.” (BEAUVOIR, 2016, p. 543).

Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá só conseguem atingir a liberdade após a conquista da independência financeira. Podemos recorrer ao capítulo *Mulher independente*, de Simone de Beauvoir que aborda o caminho que a mulher traça até chegar a sua libertação e mostra que as “liberdades cívicas permanecem abstratas quando não se acompanham de uma autonomia econômica. (...) Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta.” (BEAUVOIR, 2016, p. 503).

Ao longo desse estudo, pudemos observar que Rami, ao sentir-se angustiada, começa a tomar iniciativas e atitudes para transformar sua vida. A partir daí, consideramos pertinente valermos-nos da ideia desenvolvida por Freud em *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Nesse texto, o psiquiatra constata que a angústia pode surgir como um sinal antes positivo, um alarme diante de uma possível situação de perigo. Esse é o caso descrito na segunda tópica da teoria sobre a angústia, em que o sentimento aparece ligado a uma reação do indivíduo diante de uma circunstância traumática ou que represente algum tipo de ameaça: “A angústia surgiu como reação a um estado de perigo, e agora é reproduzida sempre que um estado desses se apresenta.” (FREUD, 2014, p. 74).

Todo o processo de transformação percorrido pela protagonista só poderá ser realizado após ela sentir-se extremamente insatisfeita, depois que percebe correr algum risco. Nesse caso, o risco inicial é a perda de Tony, que a levou a ir em busca da amante do marido. Mas, em todo o percurso, pudemos notar que a angústia funcionou como um elemento-gatilho. Por não ter encontrado uma solução para essa sensação de ameaça e perigo, Rami termina por se questionar e procurar ajuda em outros lugares, tomando, por fim, a atitude de formalizar as relações extraconjugais, transformando-as, para que pudesse manter seu casamento. Portanto, Rami só começa sua autoanálise, a sua busca por se escutar e lidar com o seu problema, ao admitir a dificuldade de continuar a viver como sempre viveu. Concluímos, desse modo, que a angústia

foi fundamental nesse processo de autoanálise e mudança, corroborando a ideia de que “quem não se angustia, não tem condição de se analisar” (SILVA, 2014, p. 4)

A angústia e os questionamentos individuais de Rami a levam ao caminho de transformação; não apenas a sua, mas à possibilidade de modificar a vida das mulheres que estavam em sua volta. Juntas, libertam-se e desvinculam-se da completa dominação masculina, tornando-se autoras de suas próprias histórias.

A psicanálise nos ensina que o surgimento da angústia nos diz que estamos empurrando para trás um sentimento ou pensamento sobre um assunto importante que nos preocupa mais do que pensamos. A ansiedade exagerada continuará aparecendo, enquanto não enfrentarmos o que realmente nos preocupa, pois estaremos substituindo aquilo que nos recusamos a enfrentar. Assim acontece se um pensamento relevante vem à nossa mente e nós o recusamos; a ansiedade tomará o seu lugar e nos dirá que rejeitamos o que é importante.

No romance, vimos que Rami, em toda a narrativa, escolheu refletir sobre sua angústia, ou melhor, sobre o que despertava tal angústia, sua condição subalterna, e, a partir daí, concluiu que deveria questionar-se e questionar o sistema, adquirindo uma autonomia e buscando, assim, sua própria identidade. A protagonista acaba por influenciar a vida das outras mulheres, compartilhando seus questionamentos com elas, assim como a ideia de que sejam donas de seus próprios destinos e capazes de superar relações de submissão.

Partimos aqui da teoria de Freud sobre a angústia e chegamos a mencionar os estudos de Lacan, para observarmos a inquietação de Rami, mas reiteramos que não tivemos pretensão alguma de elaborar uma reflexão aprofundada da angústia, e sim fazermos um breve diálogo com o conceito de angústia, sugerindo sua pertinência e um caminho inicial para estudos mais aprofundados, que deverão ser desenvolvidos em trabalhos de pesquisa futuros.

Pudemos observar que a protagonista se transforma, pois altera a condição de subserviência e, junto com as outras mulheres de Tony, ganha autonomia e independência, modificando a influência masculina sobre sua vida. A mudança de Rami constitui, sem dúvida, uma maneira de mostrar, por meio da literatura, que as identidades e as experiências de ser mulher, no contexto moçambicano, possuem muitos pontos em comum com as identidades da mulher, em geral, em diferentes partes do globo terrestre.

ANGUISH AND TRANSFORMATION IN *NIKETCHE: A HISTORY OF POLYGAMY*, BY PAULINA CHIZIANE

ABSTRACT: The reading of *Niketche: a history of polygamy*, by Paulina Chiziane arouses the female voices that were muffled. With the help of Freud's theory, the anguish of Rami, the main character, is discussed and her uneasiness is revealed when she is aware of the subalternity conditioned to the female being. It is observed how the anguish and the individual questions of the protagonist impel her to leave the passivity and start acting to transform the realities of the women with whom she relates.

Keywords: Paulina Chiziane. Women. Anguish. Transformation.

¹ O conceito de angústia passa por diversas transformações tanto na obra de Freud quanto na obra de Lacan. Em Freud, isso acontece em “Psicopatologia da vida cotidiana”, “O caso Dora”, “O delírio e os sonhos na *Grávida de Jense*”; enfim, muitos são os artigos nos quais Freud trabalha a angústia. Mais tarde, Freud procura sistematizar tudo que disse sobre a angústia, na “Conferência XXV.” No âmbito do presente artigo, interessa-nos perceber que o teórico introduz nessa conferência o conceito de *Realangst*, isto é, uma angústia real que surge diante do perigo, que se oporia à angústia neurótica. É nesse sentido, de uma angústia que surge como mecanismo de defesa, como reação à ameaça que ocorre no real, que caminharão nossas investigações para futuras pesquisas em tona da angústia na obra de Paulina Chiziane.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.

_____. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2.

BEZERRA, Priscilla. *O filho é da mãe?*. Fortaleza: Substância, 2017.

CHIZIANE, Paulina. *Nikette: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FREUD, Sigmund. *Obras completas: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Letras, 2014. v. 1.

IMANISHI, Helena Amstalden. *A metáfora na teoria lacaniana: o estádio do espelho*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200002. Acesso em: 27 maio 2019.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GRECO, Musso. *Os espelhos de Lacan*, 2011. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf. Acesso em: 26 maio 2019.

MURARO, Rose Marie. Introdução. In: _____. *Malleus Maleficarum: o martelo das feiticeiras*. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016. p. 9-22.

SALGADO, Maria Teresa. O direito à angústia e à busca da felicidade em Luanda. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 167-176, 2015.

SILVA, Valéria Codato Antonio. *O lugar da angústia e a ética da psicanálise*, 2014. Disponível em: <https://letrapsicanalise.files.wordpress.com/2015/08/o-lugar-da-angustia-na-clinica.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.

SILVA, Cândido Rafael Mendes. Uma “Branca de neve” às avessas ou Rami no país da poligamia?. In: _____. *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Appris, 2013.

WIDLOCHER, Daniel. *Le langage de l'angoisse*. Disponível: <https://www.cairn.info/revue-libres-cahiers-pour-la-psychanalyse-2010-1-page-17.htm>. Acesso em: 27 maio 2019.

Data de submissão: 31/05/2019

Data de aceite: 28/08/2019